



Imagens de parques estaduais no Portal Inea e sua efetividade comunicacional.¹

Dr. Francisco José Paoliello PIMENTA²

Lucas Delecrode ALVES³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Resumo

Trabalho voltado para a descrição de resultados de pesquisa sobre imagens utilizadas pelo portal do Instituto Estadual do Ambiente do Estado do Rio de Janeiro, com amostra composta por informações referentes aos parques estaduais da Costa do Sol, da Lagoa do Açu e da Serra da Tiririca. O objetivo é analisar as principais características das imagens e seus impactos nos possíveis usuários, com base nos conceitos da Semiótica de Charles Peirce, tendo em vista as metas preservacionistas do Inea.

Palavras-chave

Comunicação Visual, Semiótica, Comunicação Ambiental.

1. O site do Inea e nossa proposta de análise

O Instituto Estadual do Ambiente (Inea) é um órgão governamental, criado em 4 de outubro de 2007, “com a função de executar as políticas estaduais do meio ambiente, de recursos hídricos e de recursos florestais adotadas pelos Poderes Executivo e Legislativo do Estado do Rio de Janeiro” (disponível em <<http://www.inea.rj.gov.br/Portal/MegaDropDown/Institucional/OqueeoINEA/index.htm>>. Acesso em: 14 dez. 2014). Atualmente, o órgão monitora treze parques estaduais, uma estação ecológica e quatro reservas ambientais em diversas regiões do Estado e provê informações sobre essas unidades por meio de seu portal na Internet. Esse meio se constitui, assim, como o principal canal de comunicação com a população e passa a ser instrumento importante do Inea em suas estratégias de conservação.

Nesse sentido, nos propomos aqui a analisar a relação entre as imagens apresentadas pelo *site* e as possíveis interpretações de seus usuários, com base na teoria semiótica criada pelo lógico norte-americano Charles S. Peirce. Ao seguir, assim, suas categorias, enfocamos, em primeiro lugar, a possibilidade das imagens ali contidas iniciarem determinados processos comunicacionais; em seguida, a que tipo de relações

¹ Trabalho apresentado no IJ 06 – Interfaces Comunicacionais do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

²

Professor Associado IV do Programa de Pós-Graduação em Comunicação - PPGCOM da Faculdade de Comunicação - Facom da UFJF

³

Graduando em Comunicação e Bolsista de Iniciação Científica da Facom UFJF. Email: lucasalves.12@live.com

com os objetos representados os signos presentes podem conduzir os usuários; e, finalmente, qual a efetividade dos processos de interpretação a que eles podem ser conduzidos.

Para tanto, foram testadas três hipóteses relativas às características que, de acordo com os critérios de excelência signica propostos pelo Pragmaticismo de Peirce (Pimenta, 2015: 143-144), deveriam aparecer nas imagens do site: 1. signos sobre o compartilhamento do ambiente pelas diferentes espécies; 2. signos sobre as ações necessárias aos fins desejados pelas diferentes espécies; 3. signos sobre trocas informacionais de acordo com as dinâmicas de mudança daquele ambiente.

Para constituição da amostra foram definidas, ao acaso, as páginas no *site* referentes aos parques estaduais da Costa do Sol, da Lagoa do Açú e da Serra da Tiririca. Cada uma dessas páginas apresenta uma foto principal, alinhada ao centro e com uma visão panorâmica de parte do parque estadual ao qual se refere (ver Figuras 1, 2 e 3). Um segundo tipo de imagem está presente na página principal do portal Inea, e se trata de um selo de identificação, com uma arte desenhada, que conduz o usuário à página específica do parque em questão (ver Figura 4). Na página de cada parque existe, ainda, um *link* que conduz a uma terceira imagem, desta vez um mapa, que mostra sua localização geográfica (ver Anexos 1, 2 e 3). As fotos principais, os selos de identificação e os mapas de cada um dos parques somam um total de nove imagens analisadas.



Figura 1: Foto principal da página do Parque Estadual Costa do Sol.

Fonte: Portal Inea (<http://www.inea.rj.gov.br>)



Figura 2: Foto principal da página do Parque Estadual da Lagoa do Açú.

Fonte: Portal Inea (<http://www.inea.rj.gov.br>)



Figura 3: foto principal da página do Parque Estadual da Serra da Tiririca.

Fonte: Portal Inea (<http://www.inea.rj.gov.br>)



Figura 4: Selos de identificação dos Parques Estaduais Costa do Sol, Lagoa do Açu e Serra da Tiririca

Fonte: Portal Inea (<http://www.inea.rj.gov.br>)

2. O teste das hipóteses:

2.1. Primeira hipótese

Em primeiro lugar, analisamos a possibilidade das imagens do *site* do Inea propiciarem a seus usuários o início de determinados processos comunicacionais, em especial, se **as imagens do site têm signos sobre o compartilhamento do ambiente pelas diferentes espécies**. Assim, pudemos observar a capacidade dos signos, em relação a si mesmos, e em suas três subdivisões propostas por Peirce, desencadearem processos perceptivos, e constatamos algumas características, descritas a seguir.

O *site* não apresenta signos que deixem claro como se dá o compartilhamento entre as espécies naquele ambiente, ou esses signos não se apresentam claramente. Assim, as imagens deixam de enfatizar aspectos, ou qualisignos, que poderiam levar o usuário a uma melhor compreensão de como se dá esse compartilhamento. Segundo Peirce, “um Qualisigno é uma qualidade que é um signo” (Peirce, 1903: EP 2:291). Portanto, no caso de imagens, podemos defini-lo por meio das cores, formas, texturas, volumes, etc, que são intrínsecas a seu caráter signífico.

Em relação a esse ponto, tanto as fotos dos parques, como seus selos, quanto os mapas, apresentam nas imagens somente excelentes aspectos de compartilhamento entre

as diferentes espécies daquele ecossistema, o que, acreditamos, dificilmente deve corresponder à realidade.

Nas figuras 1, 2 e 3, são apresentadas imagens de verdadeiros paraísos para todos os fatores bióticos da vida aeróbica e anaeróbica, constituídos pela flora, fauna e os microorganismos, e para os fatores abióticos, como rochas e recursos minerais como a água. Tomadas à distância, as imagens sugerem ambientes em perfeita harmonia, incluindo o parque da Costa do Sol, localizado na Região dos Lagos, onde se encontram conhecidas cidades turísticas do Estado do Rio, como Cabo Frio, Búzios, Arraial do Cabo e Araruama, que vivem graves problemas ambientais; e o da Serra da Tiririca, espremido entre bairros densamente populados da cidade de Niterói. Da mesma forma, os selinhos da Figura 4 trazem em suas qualidades sógnicas aspectos de grande harmonia entre a ocupação humana, a flora, a fauna e os recursos minerais.

Embora percebamos nas fotos que ao fundo existem ocupações antrópicas que podem estar afetando de maneira não sustentável as outras formas de vida que compartilham aqueles locais, as imagens, enfatizando aspectos qualitativos como o azul intenso do mar e as várias áreas verdes presentes, parecem ter o objetivo de passar a ideia de ambientes completamente preservados.

Desta forma, quando o usuário do site se depara com essas imagens, é conduzido ao que Peirce intitulou o *sinsigno*, ou seja, à sua atualização particular do que o *signo*, em si mesmo, sugere, dando início ao processo comunicacional propriamente dito. Diz Peirce:

Um *Sinsigno* (onde a sílaba *sin* é tomada como significando ‘ser apenas uma vez’ como em *único*, *simples*, *semel* em Latim, etc.) é uma coisa real existente ou evento que é um *signo*. Só pode ser assim por meio de suas qualidades, portanto envolve um *qualisigno*, ou, então, vários *qualisignos*. Mas esses *qualisignos* são um tipo particular e só podem formar um *signo* quando realmente tomam corpo (Peirce, 1903: EP 2:291).

Assim, ao observar as imagens do *site*, o usuário é conduzido à percepção desses ambientes harmônicos, pois sequer tem à disposição *signos* de qualquer problema que uma cidade próxima àquele parque estadual possa criar para o compartilhamento com seus demais componentes. No caso dos parques à beira-mar, todo o ecossistema marinho é incluído nessa representação paradisíaca.

Quando levamos em consideração o terceiro aspecto, ou seja, os padrões sógnicos de compartilhamento ambiental entre os componentes do ecossistema que as imagens podem propiciar, o que se apresenta são agradáveis visões de sobrevoo, no caso das fotos, e de perfeita integração ecológica. O padrão é de ambientes preservados,



sem nenhum tipo de dano causado por seres humanos como desmatamentos, poluições e erosões. Segundo Peirce, “conforme são em si mesmos, um signo ou é da natureza de uma aparência, quando o intitulo qualisigno, ou, em segundo lugar, é um objeto individual ou evento, quando eu o intitulo sinsigno (...); ou, em terceiro lugar, é da natureza de um tipo geral, quando eu o intitulo legisigno (Peirce, 1904: SS 32)

Assim, os legisignos que as imagens propiciam aos usuários, por meio das fotos e dos selos de identificação, não os conduzem a uma ideia dos parques como eles realmente são, isto é, como os verdadeiros objetos dinâmicos do signo, de acordo com a semiótica. Assim, chegamos à conclusão de que os mapas de localização cumprem melhor esse propósito, embora forneçam poucas informações, do que as fotos e os selos de identificação.

2.2. Segunda hipótese.

Em segundo lugar, analisaremos a que tipo de relações com os objetos representados no *site* os signos nele presentes podem conduzir os usuários, em especial se as **imagens do site apresentarão signos sobre ações necessárias aos fins desejados pelas diferentes espécies**. Em uma situação de ambiente compartilhado, que é o caso dos parques estaduais cujas imagens estão sendo aqui observadas, as espécies exercem suas formas peculiares de expressão sígnica por meio de ações em vista de seus objetivos dentro desse todo. Na medida em que nosso foco é a relação comunicacional entre o site e seus possíveis usuários, fica a pergunta: as espécies ali presentes são vistas exercendo ações necessárias às suas necessidades biológicas e coletivas, frente ao seu meio-ambiente?

Para responder a essa questão foi necessário nos voltarmos para as relações desses signos imagéticos com os objetos que eles buscam representar. Daí, trabalhamos com as três subdivisões das relações signo/objeto propostas por Peirce e chegamos a novas constatações.

Em primeiro lugar, algumas das possíveis relações a ser feitas pelo usuário são derivadas das meras sugestões que os signos permitem que se faça com seus possíveis objetos, ou seja, as relações icônicas. Neste caso, não buscamos, na imagem, signos que conduzam a mente interpretadora, necessariamente, a tais objetos, e sim signos que apenas sugiram que as espécies estão exercendo as ações necessárias frente ao meio-ambiente em que vivem. Diz Santaella,

Porque não representam efetivamente nada, senão formas e sentimentos (visuais, sonoros, táteis, viscerais...), os ícones têm um alto poder de sugestão. Qualquer qualidade tem, por isso, condições de ser um substituto de qualquer coisa que a ele se assemelhe. Daí que, no universo das qualidades, as semelhanças proliferem. Daí que os ícones sejam capazes de produzir em nossa mente as mais imponderáveis relações de comparação (SANTAELLA, 2003: 14).

Nesse caso, o *site* propicia somente sugestões icônicas de excelentes condições para que as espécies do Parque Estadual Costa do Sol exerçam ações visando seus objetivos, tanto nas fotos quanto nos selos. Não há signos que levem os usuários a possíveis conflitos entre espécies, erosões, poluição. Conforme já mostrado antes, só é viável a relação com áreas paradisíacas sem nenhum tipo de ocupação antrópica, com o mar muito azul e a área verde aparentemente preservada, embora os parques da Costa do Sol e da Serra da Tiririca se localizem em áreas de grande interferência humana.

Quando as relações entre os signos e seus objetos são de caráter existencial, ou seja, realmente ocorram tanto em uns quanto nos outros, estamos frente a outro tipo de relação semiótica, intitulada por Peirce de índices. “O índice, como seu próprio nome diz, é um signo que como tal funciona porque indica uma outra coisa com a qual ele está factualmente ligado. Há, entre ambos, uma conexão de fato” (SANTAELLA, 2003: 14).

Assim, as fotos poderiam funcionar como índices da real situação na qual os parques se encontram, na medida em que são um tipo de signos que permitem fortes relações existenciais com seus objetos, condição que não é tão bem cumprida pelos selos, que são desenhados e, daí, podem conter qualquer tipo de imagem. Entretanto, as fotos do portal do Inea não são usadas com esse objetivo e sim, por meio de suas características de sobrevoo, visam mostrar um ambiente perfeitamente harmonizado, conduzindo os usuários necessariamente a esse tipo de relação com o objeto.

Os mapas, contudo, (anexos 1, 2 e 3), permitem uma outra relação existencial com o objeto representado, ao mostrarem que ao longo de toda a área de preservação existem cidades bastante populosas e que, conforme indicam as estradas, recebem grande volume de tráfego e de turistas. O mapa funciona, então, como índice do objeto dinâmico “parque estadual” como ele realmente é, se contrapondo às demais imagens fornecidas pelo site.

Em uma outra escala, as relações entre os signos e seus objetos podem ocorrer por meio de algum padrão convencional, ou seja, podem ser simbólicas. Neste caso, o usuário terá de estar apto a reconhecer legi-signos pré-estabelecidos pela sociedade para que faça uma relação convencional com seu objeto. Todos os selos de identificação dos parques estaduais (figura 4) se enquadram nessa relação, já que tudo que está ali



representado são símbolos convencionados de vegetação, pássaros, mar, montanhas, etc, além, é claro, das palavras. No caso dos mapas, o usuário também terá de reconhecer símbolos ali contidos para saber o que é uma montanha, uma lagoa ou uma cidade. As fotos trazem, da mesma forma, imagens já convencionadas. Nas palavras de Peirce:

Tenho observado que a divisão mais frequentemente útil dos signos é por tricotomia, com Semelhanças em primeiro lugar, ou, conforme prefiro dizer, Ícones, que servem para representar seus objetos apenas na medida em que se assemelham a eles em si mesmos; em segundo lugar, Índices, que representam seus objetos independentemente de qualquer semelhança com eles, apenas em virtude de possuírem conexões reais com eles; e, em terceiro lugar, Símbolos, que representam seus objetos, independentemente de qualquer semelhança ou qualquer conexão real, e sim porque disposições ou hábitos construídos por seus intérpretes asseguram eles serem assim compreendidos (Peirce, 1909: EP 2:460-461) .

Assim, os símbolos que os usuários conseguirão extrair do site do Inea estarão relacionados a determinadas convenções imagéticas que eles dominem, derivadas de seus padrões formais, que consistem, conforme já vimos acima, seus legisignos. Mais uma vez podemos dizer que estamos diante de signos amplamente positivos, ligados a convenções imagéticas de ambientes bastante preservados.

No caso dos selos, os usuários do site são conduzidos à ideia de que as diferentes espécies, em especial os pássaros, as tartarugas, as rãs, os cactus, os manguezais e as matas, têm nesses ecossistemas plenas condições de exercerem as ações relacionadas às suas necessidades biosemióticas, assim como as lagoas e o mar. As imagens, igualmente, conduzem também à concepção de que os parques são verdadeiros paraísos ecológicos.

2.3. Terceira hipótese.

Finalmente, analisaremos as relações de interpretações possíveis a que os usuários do *site* do Inea podem chegar, observando se **as imagens do site terão signos sobre trocas biosemióticas de acordo com as dinâmicas de mudança daquele ambiente**. Neste caso, estaremos enfocando as relações dos signos com seus objetos e, ainda, com seus possíveis interpretantes, seguindo mais um dos conceitos fornecidos por Peirce, que afirmou em um de seus manuscritos:

Não apenas é essencial para um signo de que ele deve *representar*, isto é, se colocar no lugar de, ou para um objeto, mas deve, se possível, ainda mais, ser capaz de *Interpretação* por ou através de uma mente, na qual ele implanta um germe que em seu desenvolvimento vai afetar o comportamento da pessoa a quem essa mente pertence; e somente na medida em que esse efeito, que ao longo deste volume será chamado de *Interpretante* do Signo, seja provocado, o signo não funcionará como Signo (Peirce, 1909: MS [R] 637:36).



Para prosseguirmos, contudo, é importante ressaltar que os ecossistemas analisados estão sendo compreendidos como em permanente processo de mudança, pois, como foi explicitado nas hipóteses anteriores, as relações entre os componentes dos ecossistemas alteram, a todo momento, a dinâmica daquele local. Outro ponto importante para se enfatizar é que não foi objetivo dessa fase da pesquisa analisar a que tipo de interpretantes tais usuários são, de fato, conduzidos e sim a efetividade semiótica potencial do *site*. Consideramos, então, possíveis interpretações e chegamos, assim, a três alternativas, descritas a seguir.

Num estágio de pouco desenvolvimento, o usuário não chegará à compreensão dessa dinâmica, ou seja, desse permanente processo de mudança existente nesses ambientes. Ficará, então, somente na latência do interpretante imediato, ou seja, das várias interpretações a que os signos ali presentes podem levar a mente interpretadora, sejam sentimentos, ações ou pensamentos. Este, possivelmente, é o caso da maioria dos processos semióticos relacionados aos usuários do *site*.

Poucos devem ser os usuários que, ao observarem as imagens, selos e mapas, sejam levados a pensar sobre possíveis dinâmicas de mudanças que podem estar ocorrendo naqueles ambientes, tampouco nas mudanças que afetam seus componentes, seja na percepção do ambiente, nas suas ações e também em interpretações visando seus objetivos. Porém, conforme já foi dito anteriormente, essas são apenas possíveis consequências práticas das hipóteses analisadas, já que não foram realizadas pesquisas com usuários do *site*.

Assim, alguns deles podem chegar a interpretantes dinâmicos, as significações que as imagens efetivamente produzam nas mentes interpretadoras, sejam elas emocionais, energéticas ou lógicas. Acreditamos, contudo, que a única mudança mais significativa que pode ser apreendida a partir das imagens dos parques no portal do Inea é de que houve ocupação humana naqueles ambientes. Contudo, como as fotos têm características de sobrevoo, não é possível, a partir delas, chegar a nenhuma de suas características, se harmônica ou não com o ambiente, com as espécies, ou com os recursos hídricos, por exemplo. Os selos ignoram qualquer processo de mudança, incluindo a presença humana, e passam somente a ideia de paraísos intocados.

Nos parece que os produtores do site pretendem, assim, gerar somente interpretantes emocionais de tranquilidade quanto ao estado de preservação dos parques. Essa ausência de signos de mudança ambiental torna pouco provável que os usuários



sejam conduzidos a ações concretas, ou interpretantes energéticos, visando a preservação desses ambientes, que, acreditamos, deveria ser um dos objetivos do Inea. Se tanto, o *site* cumpre mais o papel de promotor de ações de caráter meramente turístico do que de qualquer outro tipo.

Mais improvável, ainda, seria a compreensão lógica e, portanto, crítica, dos processos de mudança que ocorrem nos parques a partir das imagens fornecidas, ou seja, a formação de interpretantes lógicos vinculados a políticas preservacionistas. Nesse sentido, mais distante ainda ficaria a possibilidade dos usuários serem conduzidos a um interpretante lógico último, o mais desenvolvido, que consistiria numa mudança de hábitos, afetando seus modos de pensar, suas ações e seus sentimentos acerca da atual dinâmica de mudanças nesses ambientes.

3 Conclusões

O objetivo principal deste trabalho foi o de analisar as possíveis relações sógnicas entre as informações visuais do portal Inea e seus usuários, e, a partir daí, prevermos sua provável efetividade comunicacional. Por meio das fotos principais e dos selos de identificação, e também considerando, de forma secundária, os mapas, verificamos que o principal efeito que deve ser produzido estará na esfera dos interpretantes imediatos e emocionais.

Assim, em primeiro lugar, não observamos uma preocupação dos responsáveis pelo portal de produzirem representações com conexões existenciais mais consistentes com a realidade ambiental dos parques. As convenções simbólicas utilizadas, na falta dessas conexões indiciais, transmitem uma falsa ideia de que naquele ambiente não existe nenhum tipo de interferência humana negativa.

Em decorrência disso, constatamos ser bastante provável que grande parte dos usuários tenha uma interpretação muito pobre a partir dos signos visuais fornecidos e, daí, permaneça numa esfera pouco informada sobre a realidade ambiental retratada. Essas fragilidades do portal habilitam apenas apreensões genéricas, provavelmente conduzindo a interpretantes de caráter mais emocional e, mesmo assim, levando a sentimentos de tranquilidade que, acreditamos, não correspondem à real situação ecológica desses ambientes e suas transformações em vista da crescente ocupação humana.



7-REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INFORMAÇÕES das Unidades de Conservação da Natureza no Portal Inea. Disponível em:

<<http://www.inea.rj.gov.br/Portal/Agendas/BIODIVERSIDADEEAREASPROTEGIDAS/UnidadesdeConservacao/index.htm&lang=>>. Acesso em: 15 dez. 2014.

INFORMAÇÕES sobre o Instituto Estadual do Ambiente (Inea). Disponível em: <<http://www.inea.rj.gov.br/Portal/MegaDropDown/Institucional/OqueoINEA/index.htm>>. Acesso em: 15 dez. 2014.

PEIRCE, Charles Sanders. **Collected Papers**. Cambridge: Harvard University Press, 1931-1958 (demais citações de Peirce: “MS”, refere-se aos manuscritos inéditos, conforme a numeração feita por R. S. Robin, *Annotated Catalogue of the Papers of Charles S. Peirce*; “EP” refere-se a *The Essential Peirce*, “SS” refere-se a *Semiotic and Significs: The Correspondence between C. S. Peirce and Victoria Lady Welby*).

PIMENTA, F. **Ambientes Multicódigos, Efetividade Comunicacional e Pensamento Mutante**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2015 (no prelo).

SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. Coleção Primeiros Passos 103. São Paulo: Brasiliense, 2003.

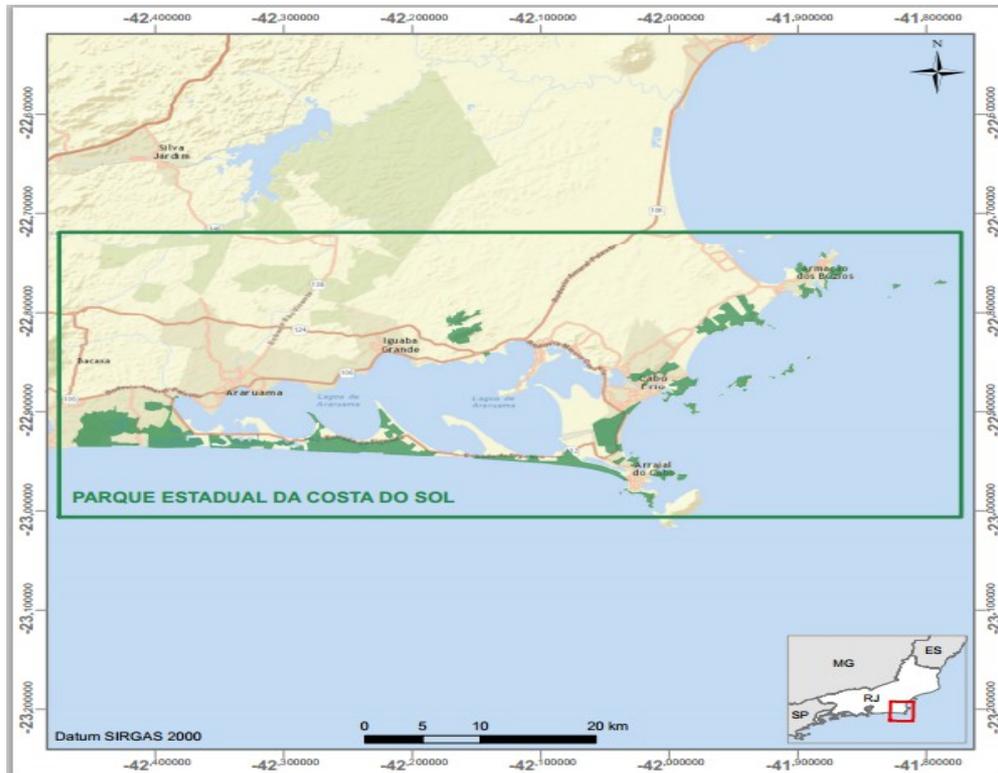
_____. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.



Anexos:

Anexo 1: Mapa de localização do Parque Estadual da Costa do Sol

Fonte: Portal Inea (<http://www.inea.rj.gov.br>)





Anexo 2: Mapa de localização do Parque Estadual da Lagoa do Açú

Fonte: Portal Inea (<http://www.inea.rj.gov.br>)





Anexo 3: Mapa de localização do Parque Estadual da Serra da Tiririca

Fonte: Portal Inea (<http://www.inea.rj.gov.br>)

